

Análise do Discurso: Contribuições de Michel Pêcheux, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin

Discourse Analysis: Contributions of Pêcheux, Michel Foucault and Mikhail Bakhtin

Milene Rodrigues Martins

Universidade Estadual de Maringá
milene_r_martins@hotmail.com

Alessandra Daniela Buffon

Universidade Estadual de Maringá
alessandrabuffon@gmail.com

Aline Alves de Oliveira

Universidade Estadual de Maringá
alline_alvesuem@hotmail.com

Hederson Aparecido de Almeida

Universidade Estadual de Maringá
hedersonbiologo@gmail.com

João Luis Dequi Araújo

Universidade Estadual de Maringá
joaodequi@gmail.com

Marcos Fernando Soares Alves

Universidade Estadual de Maringá
marcos.soaresalves@gmail.com

Resumo

O presente trabalho visa apresentar o modo como a Análise de Discurso (AD) foi se caracterizando, historicamente, como um campo teórico-metodológico no Ensino de Ciências. A AD pode ser dividida em duas amplas linhas: anglo-saxã e europeia, ambas apresentam divergências metodológicas e teóricas, contudo surgem da necessidade imposta pela lingüística de definir uma nova unidade de compreensão que ultrapasse os limites da análise de conteúdo. Optou-se por enfatizar a AD europeia (linha francesa), em virtude de a mesma ser mais difundida no âmbito acadêmico brasileiro, a partir das importantes contribuições de Michel Pêcheux, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin.

Palavras chave: análise do discurso, linguagem, metodologia de análise, educação.

Abstract

This paper presents how the Discourse Analysis (AD) was itself characterizing historically as a theoretical and methodological field in science education. The AD can be divided into two broad lines: Anglo-Saxon and European, both of them have methodological and theoretical differences, however they arise from the need imposed by the language to define a new unit of understanding beyond the limits of content analysis. We chose to stress the European AD (French Line), once it is more widespread in the Brazilian academic field, from the important contributions of Michel Pêcheux, Michel Foucault and Mikhail Bakhtin.

Keywords: discourse analysis, language, analysis methodology, education.

Contribuições de Mikhail Bakhtin

Mikhail Bakhtin foi um dos mais importantes pensadores e filósofos do século XX. Seu nome é uma referência fundamental para as diversas teorias que discutem e problematizam a questão da comunicação. As suas contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento de estudos da linguagem e da estética, campos nos quais a sua obra é mais conhecida e reconhecida (RIBEIRO, SACRAMENTO 2010). Bakhtin pertencia a um pequeno grupo de intelectuais, entre os quais faziam parte V. N. Volochínov e P.N. Medviédiev, verdadeiros admiradores e discípulos do autor, tal grupo ficou conhecido como “círculo de Bakhtin”.

Em uma perspectiva histórica, Ferdinand Saussure (1857-1913) desenvolveu estudos importantes no campo da linguagem, tais pesquisas remetem às origens da AD. Para o autor a língua é “um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação” (BAKHTIN, 1995, p.14), sendo assim, do ponto de vista Saussuriano a língua se caracteriza como um objeto abstrato que despreza as manifestações, como por exemplo, as falas individuais. Contudo Bakhtin discorda de Saussure, pois, apesar de considerar importante o estudo das formas e normas da língua, ele “[...] valoriza justamente a fala, a enunciação e afirma a sua natureza social, não individual: a fala está indissoluvelmente ligada às condições da comunicação, que por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais (BAKHTIN, 1995, p.14)”. Bakhtin salienta ainda importância do estudo das formas e normas da língua, entretanto destaca que

Se a fala é o motor das transformações linguísticas, ela não concerne (pertence) os indivíduos; com efeito, a palavra é a arena onde se confrontam os valores sociais e contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e a classe social não se recobrem (BAKHTIN, 1995, p.14).

Ao se abordar o conceito de “palavra” de acordo com os pressupostos de Bakhtin, é preciso voltar uma atenção especial aos assuntos relacionados ao estudo e compreensão de questões intrínsecas à “língua”, “fala” e “enunciação”, uma vez que a palavra está intimamente ligada a tais conceitos (DORNE, 2009).

Em relação à língua, Bakhtin salienta que de acordo com a orientação do objetivismo abstrato, o “[...] sistema linguístico constitui um fato objetivo externo a consciência individual e independente desta [...] (BAKHTIN, 1995, p.90)”. O autor afirma que para a consciência individual e do ponto de vista da mesma, a língua se apresenta como sistema de normas rígidas e imutáveis (BAKHTIN, 1995). Contudo,

[...] se fizermos abstração da consciência individual subjetiva e lançarmos sobre a língua um olhar verdadeiramente objetivo [...] não encontraremos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis. Pelo contrário, depararemos com a evolução ininterrupta das normas da língua (BAKHTIN, 1995, p.90).

Nesse sentido, o autor explica que “a consciência subjetiva do locutor não se utiliza da língua como de um sistema de formas normativas (BAKHTIN, 1995, p.92)”, uma vez que “tal sistema é uma mera abstração, produzida com dificuldade por procedimentos cognitivos bem determinados (BAKHTIN, 1995, p.92)”. Assim é válido ressaltar que o locutor utiliza a língua em situações concretas, em um contexto concreto, sendo que para o mesmo a forma linguística ganha importância na medida em que se apresenta como signo variável e flexível, não como sinal estável e sempre igual a si mesmo. A língua, entendida como prática viva está diretamente relacionada à consciência linguística do locutor e do receptor como linguagem existente num conjunto de contextos possíveis.

No âmbito da palavra, Bakhtin (2005, p.95) destaca que “[...] não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. O autor ainda acrescenta que “a palavra é o fenômeno ideológico, por excelência: na realidade toda palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não seja gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (BAKHTIN, 2005, p.36)”.

Em relação à enunciação, pode-se compreendê-la como “produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, e mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor (BAKHTIN, 1995, p.112)”. Assim, pode-se evidenciar que toda palavra é dirigida a outra pessoa, isto é, existe um interlocutor e em decorrência disso, a palavra não será a mesma, se considerarmos que os interlocutores podem pertencer (ou não) a um mesmo grupo social, ocupar lugares diferentes (superior ou inferior) na hierarquia social, deter laços sociais mais ou menos próximos (DORNE, 2009). Dessa forma, observa-se que a “palavra” possui “duas faces”: ela sempre procede de alguém e se dirige para alguém, pois “ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte” (BAKHTIN, 1995, p. 113). Ainda, de acordo com o autor,

A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora do contexto social, já que cada locutor tem um “horizonte social” (BAKHTIN, 1995, p.30).

Diante da natureza social da enunciação é praticamente impossível separar a palavra do seu conteúdo ideológico e tendo em vista tal concepção de ligação, Bakhtin (1995) ressalta que por mais completa que seja a enunciação é apenas uma fração de uma comunicação verbal ininterrupta. O discurso (palavra) está embrenhado de discursos que o antecederam – seja para confirmar, refutar, antecipar respostas – e determinará, por assim dizer, discursos futuros. Em sua publicação posterior intitulada a “Estética da Criação Verbal” Bakhtin (1997, p.308) explica que “a palavra, não tem autor; “ela não é de *ninguém*””. Ademais Bakhtin (1997) salienta que as palavras são propagadas pelos gêneros do discurso, primários ou secundários, no projeto discursivo construído pelo sujeito

Contribuições de Michel Foucault

Segundo Brandão (1998) as contribuições de conceitos empregados pelo filósofo francês Michel Foucault foram fecundas para aqueles que se lançaram numa pesquisa linguística

visando o discurso. Para a autora, Foucault concebe os discursos como uma dispersão, ou seja, formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade, cabendo à análise do discurso descrever esta dispersão, buscando o estabelecimento de regras capazes de reger a formação dos discursos. Foucault as nomeia de regras de formação que possibilitariam a determinação dos elementos que compõem o discurso, a saber: os objetos que aparecem, coexistem e se transformam num espaço comum discursivo; os diferentes tipos de enunciação (contexto) que podem permear o discurso; os conceitos em suas formas de aparecimento e transformação em um campo discursivo, relacionados em um sistema comum; os temas e teorias, isto é, o sistema de relações entre diversas estratégias capazes de dar conta de uma formação discursiva, permitindo ou excluindo certos temas ou teorias.

O discurso, segundo Foucault, seria o conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva, cuja análise consistirá na descrição dos enunciados que a compõem. A noção de enunciado para o filósofo é imaginada como uma unidade elementar e básica que forma um discurso. Concebida como uma família de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva.

Foucault designa quatro características constitutivas do enunciado. Sendo a primeira a relação do enunciado com seu correlato que ele a nomeia como referencial. O referencial é a condição de possibilidade do aparecimento, diferenciação e desaparecimento dos objetos e relações que são designadas pela frase.

A segunda característica, diz respeito à relação do enunciado com o seu sujeito. Foucault instaura uma nova visão da história de ruptura e descontinuidade, construindo-se uma série de mutações inauguradas onde não há lugar para um projeto divino ou humano. Atribui-se a instância singular do discurso um estatuto privilegiado, onde a matéria de uma análise histórica descontinua é o evento ou manifestação discursiva sem referência a uma teleologia ou a uma subjetividade fundadora (BRANDÃO, 1998). Desta forma, se o sujeito é uma função vazia, um espaço a ser preenchido por diferentes indivíduos que o ocuparão ao formularem um enunciado, deve-se rejeitar qualquer concepção unificante de sujeito. O discurso não é atravessado pela unidade do sujeito e sim pela sua dispersão decorrente das várias posições possíveis de serem assumidas por ele no discurso. Esta dispersão reflete a descontinuidade dos planos de onde fala o sujeito, que pode, no interior do discurso, assumir diferentes estatutos.

Para Foucault, o sujeito do enunciado não é causa, origem ou ponto de partida do fenômeno de articulação escrita ou oral de um enunciado, tão pouco a fonte ordenadora, móvel e constante, das operações de significação que os enunciados viriam a manifestar na superfície do discurso (BRANDÃO, 1998).

Já a terceira característica do enunciado refere-se à existência de um domínio, de um campo adjacente ou espaço colateral, associado ao enunciado integrando-o a um conjunto de enunciados ao contrário de uma frase ou proposição, não existe um enunciado isolado, neutro e independente, mas sempre faz parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, apoiando-se neles e se distinguindo deles integrando-se sempre em um jogo enunciativo.

A última característica do enunciado segundo Foucault é aquela que o faz emergir como objeto material. Para essa caracterização o filósofo faz uma distinção entre enunciado e enunciação. O enunciado se dá toda vez que alguém emite um conjunto de signos. Enquanto que a enunciação se marca pela singularidade, pois jamais se repete, mas o enunciado pode ser repetido (BRANDÃO, 1998).

O enunciado apresenta-se numa série, na qual o analista do discurso ao explorar os textos atentando-se inicialmente à repetição enunciativa, ou seja, quantas vezes surgem determinadas palavras, frases, certos parágrafos, capítulos em livros, cenas e sequencias em filmes, pronunciamentos orais, etc. Nesta primeira seleção, o analista pode observar quais os lugares em que os enunciados são pronunciados (instituições a qual estão vinculados) e em quais condições o enunciado se apresenta. Neste ponto, sugere-se que o mesmo se atente a uma ordem cronológica histórica, pois isso o auxilia a encontrar enunciados anteriores e posteriores que se assemelham ao escolhido inicialmente assegurando ou destacando o enunciado que poderá ser eleito (NAVARRO, 2006).

Contribuições de Michel Pêcheux

De acordo com Gaspar (2006), Michel Pêcheux não é o fundador da análise do discurso francesa, porém, foi um de seus principais representantes. Ainda segundo a autora, as contribuições de Pêcheux e alguns outros pesquisadores podem ser divididos em três períodos ao longo da história: análise do discurso de 1ª época (1969 - 1975), de 2ª época (1975 – 1980) e de 3ª época (1980 – 1983).

A primeira época da análise do discurso é marcada pelo estruturalismo e por uma preocupação semântica. Neste momento há uma passagem da análise lingüística para as relações do processo discursivo, ou seja, avalia-se o *corpus* (um conjunto de textos) dentro do campo da lingüística, da história e da psicanálise.

Já a segunda época da análise do discurso é norteadada pela formação discursiva (reinterpretada a partir de Foucault). Aqui a análise é atribuída à formação ideológica e social do sujeito que produz o discurso¹. Os subsídios encontrados por Pêcheux para o entendimento da formação discursiva se dão nas relações entre o intradiscorso (da ordem da língua) e o interdiscorso (exteriores à língua, mas constitutivo do sentido). Em outras palavras, para Pêcheux (1969) o interdiscorso é definido como a memória discursiva, ou seja, aquilo que já foi dito ou esquecido determina a construção do discurso; enquanto que o intradiscorso refere-se àquilo que foi dito em um determinado episódio, ou seja, as condições do acontecimento em um dado momento marcam os sentidos do discurso. Neste sentido, de acordo com Camargo (2007), um discurso deve ser avaliado observando-se as relações existentes entre os episódios ocorridos no âmbito do intradiscorso verificando-se suas relações com os sentidos presentes na memória discursiva (interdiscorso).

Pêcheux, baseado nas idéias de Foucault, propõe o conceito de processo discursivo em que, apesar da língua possuir uma autonomia frente à relação ideológica de classes, a apropriação da língua se dá de maneira diferente às distintas classes. Assim, para Pêcheux os discursos produzidos dependem da visão que o indivíduo possui do seu próprio lugar e do lugar do outro, ou seja, por decorrerem de formações imaginárias diferentes, os distintos lugares em uma classe social produzirão discursos diferentes (MENDES e SILVA, 2005).

Segundo Gregolin (2006), o período que corresponde à análise do discurso de 2ª época foi marcado como um momento de revisões teóricas metodológicas, principalmente nas implicações das bases da AD francesa proposta por Michel Pêcheux. Antes deste período a AD se preocupava com textos, contudo, agora, incorpora produções orais do cotidiano.

¹ Para Pêcheux (1997) é a ideologia que fornece evidências para uma palavra ou enunciado tenha o efeito do enunciado que se quer ter. Portanto, a ideologia materializa-se no discurso produzindo sentidos e efeitos.

Na terceira época da análise do discurso Pêcheux remete a ideia de heterogeneidade do sujeito, ou seja, no discurso produzido pelo sujeito há traços de que ele não é o único autor de seu discurso (o discurso não é homogêneo). Isto significa que o sujeito, autor do discurso, recorre consciente ou inconscientemente a uma memória história e social, já dita ou reinterpretada, por isso a ideia de que um mesmo discurso pode ter um novo significado dependendo do momento no qual está inserido. Desta forma, é “impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência lingüística fechada sobre si mesma (...) é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis” (PÊCHEUX, 1997, p. 79). Neste sentido, o analista do discurso, por meio da análise e interpretação dos textos, passa também a fazer parte desse conjunto de discursos possíveis, inserindo-se como uma nova voz na rede de discursos a partir dos resultados de sua análise.

Pode-se definir que a análise de discurso francesa tem por objeto investigar o campo dos enunciados a fim de entender os acontecimentos discursivos que possibilitaram o estabelecimento e a cristalização de certos sentidos em nossa cultura. Desta forma, ela busca compreender qual o significado da existência de um dado discurso em um determinado momento histórico (GREGOLIN, 2006). Pode-se se dizer ainda que a análise do discurso busca compreender o enunciado na singularidade de sua situação, a condição de sua existência, sua correlação com outros enunciados, em suma, entender a natureza de sua singular existência, que vem à tona em um momento histórico particular (GREGOLIN, 2006).

Conforme acima citado, Camargo (2007) relata que a análise do discurso não se preocupa com a fala em si, mas em avaliar o contexto de produção dos discursos pelos indivíduos. Desta forma, a produção do discurso se vincula a um contexto imediato, num sentido estrito, e contexto sócio-histórico e ideológico, num sentido amplo. Portanto, a posição ocupada pelo sujeito é importante ao se analisar um discurso, bem como o momento da enunciação e as condições impostas para a produção do mesmo.

As observações quanto ao contexto em que determinado discurso foi produzido é importante por determinar os significados que poderão ser atribuídos aos mesmos. Assim existem alguns fatores que constituem a produção do discurso:

- a) Relação de sentidos: todo discurso está relacionado com outros, fazendo parte de um processo sem início exato ou ponto final.
- b) Mecanismo de antecipação: ao enunciar, o discursista procura se colocar no lugar de quem o ouve para “ouvir” suas próprias palavras, visando antecipar o sentido gerado por seu discurso ao interlocutor.
- c) Relação de forças: o lugar ocupado pelo indivíduo constitui seu discurso. Isto significa que o discurso de um indivíduo só terá sentido ao ser enunciado em um dado lugar. As palavras ditas pelo professor não teriam o mesmo significado se ditas na situação de aluno.

Porém, apesar de situarmos o discurso do indivíduo em um lugar na sociedade, de acordo com Pêcheux (1997), não é este fator que influenciará diretamente no discurso produzido, mas sim na imagem que o indivíduo projeta deste fator (formações imaginárias). Portanto, de acordo com a imagem que o discursista tem daquilo que esperam seus interlocutores ele pode se antecipar e adaptar seu discurso a favor de seus objetivos.

Ao determinar o discurso como sendo um “(...) efeito de sentidos entre locutores”, Pêcheux (1997), ressalta que um mesmo enunciado pode possuir sentidos diferentes de acordo com a formação discursiva e/ou ideológica que permeiam a produção do discurso. Para ele o sentido de um discurso não é finalizado, ele é mutável de acordo com o contexto histórico de origem.

Considerações finais

De acordo com Gregolin (2006) não é possível decidir qual das ideias eram corretas referente às teorias na análise de discurso, uma vez que, as verdades científicas são relativas. Contudo, a autora destaca aproximações entre as obras dos três pensadores no que tange os conceitos de acontecimento, ideologia e linguagem. Em relação a linguagem e ideologia, Bakhtin acredita que a ideologia está profundamente relacionada com o signo. Já para Pêcheux, o discurso é um dos elementos que constituem a materialidade ideológica do sujeito, contudo, não há coincidência entre sujeito e ideologia (PORTO; SAMPAIO, 2013).

Portanto, conclui-se que ao analisar as convergências entre os filósofos nota-se uma atenção para com a linguagem e a interação verbal dos sujeitos, considerando suas posições no discurso inserida na comunicação verbal. Na mesma forma, as noções de acontecimento e ideologia são marcantes em suas obras.

Em relação ao emprego da AD Pinhão e Martins (2009) ressaltam que os estudos sobre o discurso vêm sendo amplamente utilizados, tanto como base teórica, quanto subsídio metodológico, por uma grande variedade de pesquisadores, os quais possuem as mais diversas formações. Todavia, as diferentes tradições intelectuais de análise de discurso estão criando raízes para além dos campos da sociologia, da psicanálise e da linguística. Por sua vez, no campo da educação em ciências, tem se consolidado, nas duas últimas décadas, como aporte teórico-metodológico capaz de trazer novas possibilidades para o campo da pesquisa em ensino de ciências e, por consequência, para o universo das práticas formais ou não- formais de seu ensino. Partindo da premissa de que discurso está inerente à inserção da comunicação em um contexto é possível considerar que o enfoque Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) no ensino das ciências fundamenta-se na visão que, em sala de aula, o discurso está presente. Desse modo, a comunicação, uma das características inerentes a análise do discurso, também é encontrada na proposta CTS para o ensino das ciências.

A AD não se evidencia originalmente como uma disciplina de saber, mas como fruto de uma prática escolar, voltada para explicação de textos. Ela procura compreender a língua, fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, construtivo do homem e da sua história (ORLANDI, 2012).

O discurso se mostra como não sendo neutro, uma vez que produz sentidos e significados que expressam os contextos sociais, culturais e ideológicos dos sujeitos de linguagem. Nesse sentido a AD considera que a linguagem não é transparente, pois, procura detectar o significado nas entrelinhas.

A análise de discurso da linha europeia, ao englobar em sua evolução questões filosóficas, políticas e ideológicas constitui o domínio não apenas de linguistas, mas também psicólogos e historiadores (MARTINS, 2008).

Com base nos estudos realizados, pode-se concluir que AD é desafiadora, visto que as pesquisas desenvolvidas a respeito dessa metodologia de análise, ainda são recentes e sofrem com as diversas traduções e interpretações encontradas nos referenciais bibliográficos.

Referências

BAKHTIN (VOLOCHINOV), M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7ªed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso** (5a. ed.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

CAMARGO, S. **discursos presentes em um processo de reestruturação curricular de um curso de licenciatura em física: o legal, o real e o possível**. Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência (Tese), UNESP, Bauru, 2007.

DORNE, V.D. **De Sinal a Signo: A “palavra” (discurso) em Bakhtin**. Encontro de Produção Científica e Tecnológica. Campo Mourão: 2009.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1976.

GASPAR, N.R. **Língua, Linguagem, Texto e Discurso**. In: NAVARRO, P. Estudos do Texto e do Discurso: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006.

GREGOLIN, M.D. **Bakhtin, Foucault, Pêcheux**. In BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: outros conceitos chaves. São Paulo: Contexto, 2006.

GREGOLIN, M.R. AD: **Descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história**. In: NAVARRO, P. Estudos do Texto e do Discurso: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006.

MARTINS, G. DE A. **Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa**. 2ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MENDES e SILVA, M.A.S. Sobre a Análise de Discurso. **Revista de Psicologia da UNESP**, 4(1), p. 16-40, 2005.

NAVARRO, P. Org. **Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos**. São Carlos: Claraluz, 2006.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 10ed Campinas: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.

PINHÃO, F; MARTINS, I, **A Análise do Discurso e a pesquisa em ensino de Ciências no Brasil: Um levantamento da Produção em periódicos entre 1998 e 2008**. Florianópolis, 08 de novembro de 2009.

PORTO, L.M.D.F; SAMPAIO, M. C. H. **Bakhtin e Pêcheux: Leitura Dialogada**. Polifonia, Cuiabá, MT, v. 20, n. 27, p. 89-106, jan./jun., 2013.

RIBEIRO, A. P.G; SACRAMENTO, I. **Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2010.

SARGENTINI, V. M. O. **Os estudos do discurso e nossas heranças: Bakhtin, Pêcheux e Foucault**. Estudos Lingüísticos XXXV, p. 181-190, 2006. [181 / 190].

TEIXEIRA, F, M. **Discurso E Ensino Das Ciências**. Florianópolis, 08 de novembro de 2009.

VENEU, A.; FERRAZ, G; REZENDE, F, **Análise de Discursos no Ensino de Ciências: Considerações Teóricas, Implicações Epistemológicas e Metodológicas**. Ens. Pesqui. Educ. Ciênc. (Belo Horizonte) [online]. 2015, vol.17, n.1, pp. 126-149. SSN 1983-2117. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-211720175170106>.